

Milliet irá ao Senado explicar acordo

por Euclides Torres
de Brasília

O líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso, pretende ouvir, nesta segunda-feira, o depoimento do presidente do Banco Central, Fernando Milliet, a quem convocou para prestar informações na Comissão da Dívida Externa do Senado sobre o novo acordo com os bancos credores e o retorno do País ao Fundo Monetário Internacional (FMI).

"Não queremos monitoramento da política econômica. O PMDB terá muita dificuldade em aceitar este acordo e a suspensão da moratória somente pode ser aceita com uma negociação favorável ao Brasil. Sem isso, não tem como o PMDB dizer sim", comentou Fernando Henrique Cardoso, na sexta-feira, dia em que vários parlamentares, de diversos partidos, fizeram coro para criticar o acordo, afirmando ser a hora errada para o acerto.

O deputado Fernando Gasparian (PMDB-SP) previu desvantagens para trabalhadores e agricultores brasileiros, porque o País vai ter de voltar a "rezar pela cartilha do FMI", como arrocho dos salários e prejuízos para os exportadores, devido aos inevitáveis cortes nos subsídios que tradicionalmente o Fundo impõe, disse.

Ligado ao grupo dos economistas do PMDB, Gasparian prevê inúmeras desvantagens para a economia nacional, citando, por exemplo, "a provável queda na balança comercial". Entende que as reservas cambiais, hoje suficientes para garantir importações por três meses, podem

atingir os mesmos níveis a que chegou a Argentina, cujas reservas ficaram em patamares compatíveis com importações pelo prazo de apenas um mês. "O governo que vai ao FMI não deve ter apoio do PMDB", disse Gasparian.

Cristina Tavares (PMDB-PE) afirmou que "ir ao FMI é sair pela porta dos fundos da moratória. É muito negativo. É uma capitulação que significa, entre outras coisas, entregar a política de informática". Francisco Pinto (PMDB-BA) acha que foi uma rendição na hora errada, justamente quando a Argentina e o México estão, junto com dezenas de outros países, ameaçando suspender os pagamentos: "Era oportuno esperar mais um pouco, pois quem está em pânico são os banqueiros diante da ameaça de moratória em massa", disse Francisco Pinto.

Fernando Lira (PMDB-PE) também acha que a hora do acerto foi errada. "Justamente durante as quedas das bolsas em todo o mundo, com todos os povos perplexos com os debates sobre os rumos da economia mundial." Miro Teixeira (PMDB-RJ) disse que o acordo foi feito no melhor estilo autoritário: "Na calada da noite, sem debate", recomendando como solução para superar a grave situação econômica brasileira eleições para presidente em 1988.

Euclides Scalco (PMDB-PR) acha que o Brasil devia negociar numa posição de força, e não agora. Egídio Ferreira Lima (PMDB-PE) entende que devia ser discutido um prazo de carência de cinco anos e um longo desdobra-

mento, de cerca de trinta anos, para as amortizações, além de juros razoáveis e fixos.

Brandão Monteiro (PDT-RJ) interpretou o acordo "como o fim do governo Sarney". Sugere uma auditoria internacional para examinar onde foi aplicado o dinheiro desses empréstimos internacionais. Previu uma inflação de dois dígitos para este mês, recomendando eleições gerais como saída.

Lysaneas Maciel (PDT-RJ) perguntou no plenário da Comissão de Sistematização: "Onde está a segurança nacional, quando se faz um acordo aviltante?" Roberto Freyre (PCB-PE) também criticou o acordo, dizendo que "feriu os interesses nacionais". Luiz Inácio Lula da Silva, líder do PT, disse que não há negociação: "Há imploração".